

DIVERSIDADE LINGUÍSTICA EM ÁFRICA

Vatomene Kukanda *

Como seria a natureza se todas as flores fossem, por exemplo, vermelhas? Teria ela essa fascinação e beleza sem a combinação das cores que a rodeiam? Não seria monótona sem a diversidade que a caracteriza?

Por essa razão, muita gente pensa que a diversidade, mesmo no plano linguístico, é uma riqueza; riqueza na medida em que prova as capacidades do homem a utilizar de maneiras diferentes os órgãos fonadores.

Quanto à língua, ela é por essência, ao mesmo tempo, unidade e diversidade. Unidade pela intercompreensão mesmo com as diferenças que se podem notar no seio duma língua e ao mesmo tempo diversidade pela existência das diferenças de ordem individual, social, regional, etc.

A África com os seus 30.310.000 km é um continente caracterizado por uma diversidade linguística notável, bem que ela não seja uma exclusividade sua porque as outras partes do mundo conhecem também este fenómeno. É essa diversidade linguística que vai nos interessar no presente artigo.

Contudo, queremos abordá-la na sua complexidade actual e não de maneira tradicional que interessasse apenas as línguas “indígenas” ou “autóctones”. A razão é simples. Limitar-se a essas últimas significaria uma mutilação da realidade actual desta diversidade que é dinâmica e cujos resultados são dignos de atenção.

A abordagem do nosso tema far-se-á então em duas partes essenciais:

* Director-Geral do Centro Internacional das Civilizações Bantu (dibreville).

- apresentação dos dados gerais que traduzem a tal diversidade a nível do continente;
- exame de alguns dados sobre os países ao sul do Saara e mais particularmente os da zona bantu e análise dum caso concreto para exemplificar a diversidade linguística mesmo no interior dum espaço bem definido: o caso de Angola.

I. ALGUNS DADOS SOBRE O CONTINENTE

No continente africano, recenseia-se mais dum milhar de línguas e a complexidade da sua diversidade não pode ser expressa, no nosso entender, com objectividade se não a abordarmos a diferentes níveis.

1.1. As Línguas Autóctones em Geral

As línguas autóctones são essencialmente reagrupadas em quatro famílias: Congo-Kordofaniana, Nilo-Sahariana, Afro-asiática e Khoisana

a) A Congo-Kordofaniana

Divide-se em duas sub-famílias em que a mais importante é a Niger-Congo que ocupa o espaço que vai aproximadamente do Senegal ao oeste até a África do Sul ao sul, incluindo todo o leste do continente desde o sul da Somália.

A segunda sub-família limitar-se-ia a uma vintena de línguas faladas por pequenas comunidades nas montanhas de Nuba em República do Sudão.

O número de locutores das línguas pertencentes a essa família pode ser avaliado em cerca de 300 milhões.

b) A Nilo-Sariana

Esta família estende-se numa distancia de quase 6.00 km de leste ao oeste. As suas línguas são localizadas no Niger, Burkina Faso, Tchad, Etiópia (oeste) e no Sudão. As línguas mais conhecidas desta família são: o dinka, o shilluk, o nuer, o massai (Uganda, Kenya, Tanzânia) e o mangbetu no nordeste da República Democrática do Congo.

c) *A Afro-asiática* (também conhecida por Hamito-semítica).

Todas as línguas desta família são faladas na Ásia, excepção feita do seu ramo o mais conhecido, o semítico que inclui o hebraico e o árabe, que expandiu-se em África pelas conquistas muçulmanas árabes do VII e VIII séculos. Esta língua, que se implantou na parte norte do continente, enraizou-se.

Uma das línguas mais destacadas desta família pelo seu subgrupo etiópico é a língua nacional da Etiópia, o amharico.

d) *A khoisana*

A família destas línguas ocupava provavelmente uma boa parte do continente antes da expansão dos povos que falam as línguas de um dos ramos do Niger-Congo. Neste momento, só ficaram alguns ilhéus disseminados (cujos mais importantes são o Sandawa - 25.000 locutores e o Hatsa - algumas centenas de locutores - na Tanzânia) por aqui e por ali no território que se estende do sul dos Camarões até a África do Sul e uma evidente concentração na região este do Cabo.

A língua a mais importante desta família é o nama falado na Namíbia por mais ou menos 50.000 locutores.

N.B.: É preciso acrescentar, às línguas dessas quatro famílias, as línguas malgaxes que são classificadas na família Austro-melanesiana.

1.2. As Línguas Autóctones Regionais

A diversidade que acabamos de constatar ao nível das quatro famílias e sobretudo no interior destas se reflecte sobre as línguas regionais. E, como já foi dito, a complexidade da diversidade linguística do continente só pode ser bem encarada se analisarmos todas as suas componentes.

As línguas regionais, na sua função veicular, sobrepõem-se muitas vezes às línguas autóctones locais que coexistem com elas no mesmo espaço. A repartição das mais importantes se apresenta da seguinte maneira:

a) *No norte*

- **O Árabe:** falado no norte do continente, está em principio, presente lá onde a religião muçulmana está assinalada. É

assim que esta língua se encontra, como língua litúrgica, em muitos países africanos sub-sarianos onde o Islão foi introduzido.

b) Ao oeste

- **O Wolof:** é falado numa área que cobre os territórios da República do Senegal e da Gâmbia que partilha com uma dúzia de idiomas. É a língua da administração e do pequeno comércio.
- **O Manding:** representado pelos seus três grandes dialectos:
 - O Bambara: um dos grandes dialectos manding, é a língua principal do Mali. Como veicular, o Bambara é a língua segunda de muitos locutores.
 - O Diula: é a língua segunda dum grande número dos habitantes da Costa de Marfim e da parte ocidental do Burkina Faso. Ele joga também, desde alguns decénios, o papel de língua do comércio.
 - O Malinké: cobre muitos países: Senegal, Gâmbia, Mali, Guiné Bissau, Guiné Conakri, Serra Leoa, Costa de Marfim, Burkina Faso. O Malinké é caracterizado por uma grande diversidade dialectal.
- **O Haussa:** Essa língua ocupa os Estados de Sokoto, Katsina e Kano e a metade norte do de Zaria ao norte da Nigéria. Na República do Niger, ela é presente na parte meridional do país. Muitos haussafones são assinalados ao sul da Nigéria, no Gana, Togo e nas cidades de Dakar, Freetown, Abidjan, Duala, Yaundé, Brazzaville e Tripoli.
- **O EWE:** a sua área cobre o Gana, o leste da fronteira ocidental da Nigéria, a parte mais meridional do Togo e do Benin.
- **O Yoruba:** é falado no Bénin, Western State, Lagos State e uma pequena parte do Midwestern, na Nigéria. É uma das línguas mais importantes desta vasta federação.
- **O Igbo:** ocupa o East Central State, o Nord Rivers State e o leste do Midwestern da Nigéria. O Igbo representa de facto um conjunto de dialectos.

c) Ao Nordeste

- **O Amharico:** língua falada pelo povo cristianizado (AMHARA) o mais numeroso da Etiópia.
- **O Somai:** a sua área geográfica inclui a Somália, o Djibuti e uma parte da Etiópia.

d) Ao Centro

- **O Fang:** é falado no sudoeste dos Camarões, na Guiné Equatorial, no norte do Gabão e nordeste da Republica do Congo.
- **O Lingala:** língua por excelência da musica congoleza moderna, ele conhece uma extensão fulgurante que vai junto com o desenvolvimento desta música. O lingala é também conhecido como a língua das duas metrópoles congolezas (Kinshasa e Brazzaville) e do exercito nacional da RDC.
- **O Kikongo:** Essa língua, historicamente conhecida como a língua do antigo Reino do Kongo, produziu muitos dialectos veiculares, é utilizada no nordeste de Angola, no Sudoeste da Republica Democrática do Congo, no centro e sul do Congo Brazzaville e no sul do Gabão. O kikongo
- **O Luba:** Ciluba no Kasai e Kiluba no Katanga, essa língua que foi utilizada no leste do Congo pela administração colonial belga sob a sua forma "simplificada", conhece agora um recuo perante o Swahili.

e) Ao Leste

- **O Swahili:** o leste do continente é o domínio reservado do swahili. É a mais importante língua veicular da zona bantu. A sua extensão abrange: o Kenha, Tanzânia, Uganda, Ruanda, Burundi, RDC (a parte oriental e o Katanga), Moçambique (parte norte), Comores, alguns ilhéus na Zâmbia e no Malawi. O Swahili é ensinado em muitas Universidades fora da zona bantu. É o caso, por exemplo, de Cambrigde, Copenhaga , Gand, Genebra, Hamburgo, Leiden, Liége, Londres, Los Angeles, Louvain, Montreal, Moscovo, Nova Iorque, Oxford,

Pequim, Pittsburgho, Praga, Roma, Uppsala, etc. Mesmo no Japão e na Índia (Nova-Delhi) cursos de swahili são igualmente dispensados.

A sua importância nas ondas é manifesta pela difusão de programas em swahili pelas estações radiofónicas internacionais tais como: a B B C, a Voz da América, a Deutsche Welle, Radio Moscovo, Radio Pequim, etc.

- **O Bemba:** é essencialmente a língua veicular da Copperbelt zambiana.
- **O Nyanja:** a língua Nyanjà é utilizada em Moçambique, Malawi e Zimbabwe.
- **O Macua:** é falado em Moçambique e no Malawi e tem mais ou menos 2.500.000 locutores
- **O Shona:** Koiné resultando duma unificação concertada do Korekore, Zezuru e Karanga, realizada pelos missionários após a primeira guerra mundial, ele conta locutores no Zimbabwe e em Moçambique.

f) Ao sul

- **O Zulu:** A língua zulu ocupa a parte sudeste da República da África do Sul.
O Zulu na sua forma pidginizada, chamado FANAGALO, é utilizado na região de Joanesburgo pelos mineiros africanos imigrados e em algumas regiões do Zimbabwe e da Zâmbia.

1.3. As Línguas Resultantes dos Antigos Contactos da África com a Europa

Os diferentes contactos que o continente teve com Europa, durante os séculos passados, acabaram, no plano linguístico, numa situação diversificada e complexa.

Diversificada por que o resultado foi ou a conservação da língua europeia de contacto, ou uma das suas formas vulgarizadas ou crioulizadas.

Complexa pela simples razão de que mesmo sendo estrangeiras, do ponto de vista da sua origem (indo-europeia), essas novas situações linguísticas são assumidas quer pelos autóctones quer por pessoas que integraram as comunidades africanas desde há séculos atrás.

Essas línguas apresentam-se da seguinte maneira:

O inglês: utilizado pelos descendentes dos colonos na Libéria e na África do Sul e na sua forma crioula “KRIO” especialmente na Sierra Leoa:

O afrikaans: uma forma do neerlandês utilizado pelos descendentes dos colonos holandeses na África do Sul.

O espanhol: Substituiu a língua autóctone dos primeiros habitantes das Ilhas Canárias. Essa última era semelhante ao Berbere.

O português: na sua forma crioula é a componente linguística da identidade das ilhas do Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe.

1.4. Línguas impostas pela Colonização

As potências coloniais aplicaram, nas suas respectivas colónias, políticas linguísticas que eram de acordo com os seus interesses. Elas tinham como base as suas respectivas línguas.

As melhoras representadas são o inglês, o francês, o português e com menor importância o espanhol. Utilizados como línguas de dominação durante todo o período colonial, elas foram conservadas, depois das independências, com o estatuto de “línguas oficiais”; quer dizer de línguas que permitem aos estados recentemente independentes uma abertura ao mundo.

Bem que fazendo já parte do panorama linguístico do continente, essas línguas mesmo pertencentes todas à mesma família, apresentam também uma certa diversidade no enfrentamento das realidades linguísticas africanas. A utilização dessas línguas pelos países africanos teve como consequência a adesão destes nas diferentes organizações que têm como base a partilha em comum das línguas supracitadas. Chamam-se Commonwealth, Organisation Internationale de la Francophonie (AIF), Comunidade dos Países de língua Portuguesa (CPLP) e Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

Quanto às línguas oficiais, aqui esta a sua situação actual:

a) O Inglês: como língua oficial, ela tem um lugar de destaque no continente africano. Joga directamente esse papel em mais de dezanove países e indirectamente em muitos outros.

Excitado pelo quadro técnico mundial, o Inglês, que se tornou a sua língua privilegiada, tendo em conta os avanços tecnológicos americanos, tem em África uma expansão forte provada pela passagem,

na esfera desta língua, de alguns países que nunca tiveram uma tradição da referida língua. É o caso, por exemplo, de Moçambique, da RDC e do Ruanda.

b) O Francês: Mesmo com o facto de ser utilizado por dezassete países como única língua oficial, e por oito outros como segunda língua oficial, o francês está, no nosso entender, duma maneira geral numa situação difícil. A sua adopção recentemente como segunda língua oficial pela Guiné Equatorial, por exemplo, não deve enganar.

A criação da Organização Internacional da Francofonia não mudou nada nessa situação e os africanos francófonos têm actualmente tendência a tornarem-se bilingues com a aprendizagem do inglês.

Esse quadro não vai mudar apesar do lançamento de vários programas de promoção do francês, em diferentes domínios, apoiados pela Francofonia.

c) O Português: Os países africanos lusófonos sofrem da pressão das línguas oficiais dos seus vizinhos.

- A Guiné Bissau está completamente cercada por vizinhos que têm o francês como língua oficial. No plano interno, o crioulo exerce também uma pressão sobre a língua portuguesa. (N.B.: a Guiné Bissau entrou na zona monetária do franco)
- São Tomé e Príncipe está numa zona onde dominam o inglês e o francês. (N.B: em Libreville vive uma forte comunidade saotomense e nota-se a presença nas ilhas de comerciantes nigerianos)
- Angola tem quatro vizinhos dos quais os dois ao Norte (RDC e Congo) e os dois outros ao sul e ao leste têm respectivamente o francês e o inglês como línguas oficiais.
- Quanto ao Moçambique, ele é completamente rodeado por países anglófonos (Tanzânia, Malawi, Zâmbia, Zimbabwe, África do Sul, Swazilândia).

O contexto linguístico, que acabamos de descrever, levou os países africanos lusófonos a encontrar soluções práticas. É assim que se nota uma utilização normal do Inglês em Moçambique e numa certa medida ao sul de Angola. A proximidade da R.D.C, do Gabão, do

Senegal e da Guiné Conakri faz com que o francês seja utilizado ao Norte de Angola, em São Tomé e Príncipe e em Guiné Bissau.

Em Cabo Verde, a única pressão que sofre a língua oficial é a do crioulo.

d) O Espanhol: é utilizado como primeira língua oficial em Guiné Equatorial.

II. DIVERSIDADE NA PARTE SUB-SARIANA

Mesmo com a presença das línguas de outras famílias, a parte sub-sariana do continente é dominada pelas línguas da família Congo-Kordofan. E no seio desta, é a sub-família Niger-Congo que se destaca através das línguas bantu cujo peso se vê pelo espaço que ocupam (um terço do continente). A sua área cobre a parte da África que se estende do Atlântico ao Oceano Índico, ao sul duma linha que vai, duma forma geral, do sul dos Camarões até a África do Sul.

O número dos locutores dessas línguas é avaliado em cerca 200 milhões. Trata-se pois do conjunto mais importante da África negra do ponto de vista geográfico e demográfico.

Duma maneira restrita, os países concernidos por essas línguas são os seguintes (do norte para o sul): Os Camarões (uma parte), R.C.A (uma parte), Guiné Equatorial, Gabão, São Tomé e Príncipe, Congo, R.D.C, Ruanda, Burundi, Uganda, Kenya, Tanzânia, Angola, Zâmbia, Mauari, Moçambique, Comores, Namíbia, Botswana, Zimbabwe, Swazilandia, Lesoto e África do sul.

2.1. Situação Linguística Diversificada

A situação linguística dos países da zona bantu é essencialmente multilíngue.

Um amigo meu, linguísta da RDC, dizia-me um dia: "A África em geral e o espaço bantu em particular são multilíngues pela força das coisas e pelos acasos da historia. Uma criança de Kinshasa, por exemplo, é confrontada ao multilinguismo muito cedo. Muitas vezes, ela deve dominar três línguas: uma primeira em casa (a língua da etnia dos pais), uma segunda (a língua regional - o lingala) para todo o contacto fora da casa dos pais e enfim uma terceira (o francês - língua de ensino) para a escola".

dum determinado país ou estar, também, presente em dois ou mais países.

No caso da língua regional ser diferente da língua declarada “nacional” pelo governo, é também necessário dominá-la.

2.1.3. Complementaridade Língua Regional (ou Nacional) / Língua Oficial

Os países africanos sendo os produtos directos da colonização, a partir dum certo nível de complexidade das coisas ligadas à modernidade, ao Estado e à situação internacional, a língua regional ou nacional não chega mais. O conhecimento da língua oficial é exigido e essa não só joga o papel de mediação para os contactos externos mas, as vezes, o de meio para os contactos internos quando as diferenças entre os grupos são aparentemente muito grandes.

Contudo, convém assinalar a utilização particular da noção “língua oficial” no contexto sul africano. Preocupado para evitar tensões inúteis e frustrações, o governo declarou “oficiais” todas as onze línguas do país: o Africanas, o Inglês, o Ndebele, o Sotho do Norte, o Sotho do Sul, o Swazi, o Tsonga, o Tswana, o Venda, o Xhosa e o Zulu.

2.2. Um exemplo Concreto: O Caso de Angola

(Quanto aos nomes das dezoito províncias do país, seguiremos a grafia oficial: Cabinda, Zaire, Uíge, Bengo, Malanje, Luanda, Kwanza-Norte, Kwanza-Sul, Lunda-Norte, Lunda-Sul, Benguela, Huambo, Bié, Moxico, Namibe, Huila, Cunene, Cuando-Cubango.)

Com uma superfície de 1.246.700 km² e cerca de 12.000.000 (doze milhões) de habitantes, Angola é um país de velha tradição portuguesa.

A imagem linguística rápida que se faz deste país é a da presença dum lado, da língua oficial e, do outro, das línguas autóctones ou nacionais.

2.2.1. A Língua Oficial

Durante a sua presença em Angola, o português conheceu fortunas diversas de acordo com os períodos até a sua imposição em Agosto de 1845. A partir daquele momento, começou a jogar um papel importante na política linguística da colónia. Se bem que

durante a luta armada de libertação, a língua portuguesa foi utilizada, sem complexo, pelos nacionalistas como meio para explicar as razões desta luta a toda a comunidade internacional.

Após a independência em 1975, o português ficou no país por principalmente duas razões:

- ele deveria jogar o papel de língua oficial para o jovem Estado angolano ;
- o português é o único meio linguístico dos angolanos de origem europeia e daqueles que não se identificam com os diferentes grupos etnolinguísticos do país.

Tendo em conta a tradição que a presença do português criou no território angolano há quase cinco séculos, essa língua tem ainda tempos favoráveis perante si, apesar da pressão conjugada do francês e do inglês. O facto de Angola pertencer à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPCP) e aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) poderia reforçar essa presença se uma política linguística clara e consequente fosse aplicada perante o ensino da língua portuguesa dum lado e em relação às línguas autóctones do outro. A tal política poderia consistir numa ajuda tanto nas pesquisas sobre o português falado em Angola como na estabilização das línguas autóctones e na produção de dicionários bilingues (português / Língua(s) autóctone(s) - língua(s) autóctone(s) / português). É preciso acrescentar outras medidas de enquadramento que fariam dos locutores das línguas autóctones “verdadeiros” potenciais locutores da língua portuguesa.

Por iniciativa do Governo, todas as línguas autóctones são chamadas a receber, por um processo desencadeado desde alguns anos, o estatuto de “línguas nacionais” em oposição à “língua oficial” que é o português. O que justifica a presença duma instituição governamental, o Instituto de Línguas Nacionais (ILN), encarregada de jogar o papel de reguladora no acompanhamento de tal processo.

2.2.2. As Línguas Autóctones

AS LÍNGUAS BANTU

a) O Kikongo: ocupa principalmente as províncias de Cabinda, Zaire, Uige e Bengo (uma parte) O kikongo conta, no território angolano, com catorze variantes:

- Vili, Yombe, Kakongo e Woyo na província de Cabinda ;
- Solongo e Kisikongo na província do Zaire ;
- Soso, Kango, Zombo, Suku, Pombo, Gwenze, Paka e koji na província do Uige.

Segundo LAMAN (na Introdução de seu Dictionnaire Kikongo - Français) diz que o número, das variantes mais importantes, é de 25 em toda área linguística kikongo:

b) O Kimbundu: é falado nas províncias de Malanje, Kwanza-Norte, Luanda, Bengo (uma parte) e Kwanza-sul (uma parte).

- Luanda na província de Luanda
- Ambundu, Ntemu e Kisama, na província do Bengo
- Hungu, Luangu, Dembu e Ambundu, no Kwanza-Norte
- Puna, Jinga ou Ngola, Bando, Mbangala, Holo, Kari, Xinje, Minungu, Songó, Bambara e Sende na província de Malanje.
- Libolu, Kibala e Haku no norte da província de Kwanza-Sul.

c) O Umbundu: a sua área estende-se às províncias de Bié, Huambo, Kwanza-Sul e Benguela. Quinze variantes principais partilham esse espaço. Trata-se de:

- Viyeno (Bieno) e Mbalundu na província do Bié
- Mbalundu, Wambu e Sambu na província do Huambo ;
- Sele, Sumbi, Pinda e Mbwi no Kwanza-Sul ;
- Cisanji, Lumbu, Ndombe, Hanya, Nganda e Cikuma, na província de Benguela

d) O Cokwe (do grupo etno-linguístico Lunda-Cokwe)

Ocupa principalmente as províncias de Lunda-Norte, Lunda-Sul, Moxico e Cuando-Cubango. Como língua, ela apresenta sete (7) variantes:

- Lunda, kioku, Mataba, Kakongo ou Badinga e Mai, na província da Lunda-Norte;
- Kioku, na Lunda-sul;
- Lunda-lwa-Shinde, Lunda, Ndembo, Kioku, na província do Moxico ;
- Kioku nas províncias do Bie e Cuando-Cubango.

e) O Ngangela:

É falado essencialmente nas províncias do Bié, Moxico, Cuando-Cubango e Huila. As suas variantes podem ser avaliadas em vinte dois (22):

- Lwimbi na província de Malanje ;
- Lwimbi, Ngangela, Ambwela, Engonjeiro, Ngomielo e Mbande na província do Bié ;
- Lwena, Lwale, Lucaze, Mbunda, Ambwela, Ambwela-Mbande, Kangola, Yakuma, Luyo, Nkoya e Kamashi, na província do Moxico ;
- Lucaze, Mbunda, Ngangela, Ambwela, Kamashi, Ndungo, Nyengo, Nyemba e Aviro na província do Cuando-Cubango;
- Ngangela e Nyemba, na província da Huila.

f) O Nyaneka-humbi (grupo etno-linguístico Nyaneka-Humbi). As suas variantes ocupam toda a província da Huila e uma parte da província do Cunene. Elas são onze (11):

- Mwila, Gambo, Humbi, Handa (mupa), Handa (cipungu), Cipungu, Cilenge-Humbi e Cilenge-Muso, na província da Huila;
- Humbi, Ndongwena, Hinga e konkwa, na província do Cunene.

g) O Ambo

É localizado nas províncias do Cunene e uma parte do Cuando-Cubango. As suas variantes principais (seis - 6) são as seguintes:

- Vale, Kafina, Kwanyama, Kwamatu e Ndombodola, na província do Cunene.
- Kwangar, na província do Cuando-Cubango.

h) O Herero

Os locutores dessa língua ocupam as províncias do Namibe e do Cunene. O Herero conta principalmente com seis (6) variantes:

- Ndimba, Shimba, Shavikwa, na província do Cunene;
- Kwanyoka, Kuvale, Kwendelengo, na província do Namibe.

i) O Oxindonga

Está presente na província do Cuando-Cubango e distingue três (3) variantes:

- Kusu, Nyengo e Sambio.

N.B: Das nove línguas bantu do território angolano, totalizamos mais de cento e cinco (105) variantes.

AS LÍNGUAS KHOISANAS

As línguas khoisanas (Kung ! ou Kamusekele, Kazama, Kede, Kuissi, Kwepe) são representadas por alguns ilhéus nas províncias do sul do país (Cunene e Cuando Cubango). Elas são faladas por um numero cada vez mais reduzido de pessoas e os seus locutores do Cunene, por exemplo, falam já o Kwanyama e abandonaram a pratica das suas línguas.

Essa situação é, no nosso entender, uma grande perda pelo facto de que o desaparecimento das tais línguas pode nos privar não só duma forma particular de utilizar os órgãos fonadores mas também duma visão do mundo e de toda uma cultura.

CONCLUSÃO

Como já afirmamos no inicio do nosso artigo, a diversidade é uma riqueza. Contudo, quando essa mesma diversidade é posta em relação com o continente africano, ela toma muitas vezes uma conotação negativa.

A opinião, muito corrente nos meios que conhecem mal a África, é que é justamente essa diversidade, na sua totalidade, que esta na base de todas as misérias, divisões, guerras e outras desgraças do continente africano.

Todavia, a diversidade ou a diferença em si nunca foi uma causa do mal. É a sua má utilização, oportunista, que conduz a situações desastrosas.

No que concerne à diversidade linguística em África, nós entendemos o desapontamento das pessoas habituadas a equações claras e directas quando se trata das nações europeias e outras que nos levam a:

França = o francês;
 Alemanha = o alemão;
 Itália = o italiano;
 Inglaterra = o inglês;
 Suécia = o sueco ;
 etc.

A formação das nações em África baseia-se na diversidade linguística. Em outros termos, a componente linguística das diferentes identidades nacionais, em formação, é multilíngue. Mesmo nesse contexto, o nosso desejo é que todas elas, e este aos diferentes níveis, possam jogar a sua função integrante para o bem do continente.

As nações em formação em África partem ademais, sobre o plano linguístico, duma complementaridade língua oficial / língua(s) autóctone(s) que as velhas nações não conhecem.

A diversidade na complementaridade deve ser o caminho a seguir pela África que deve assumir o seu presente e passado para o bem das suas populações. Essa via, na qual cada componente deve jogar o seu papel e a complementaridade língua oficial / língua(s) autóctone(s) bem utilizada, só poderá aproveitar ao desenvolvimento de todo o continente.

Bibliografia

- ALAC - Situation linguistique de l'Afrique Centrale: Zaïre, Paris, 1983.
 Art, Civilisation et Culture en Afrique, Kouba: CNEH, 1988.
 BOUQUIAUX, L - L'expansion Bantoue. Actes du Colloque Internationale du CNRS, Viviers (France) 4-16 avril 1977 - SELAF, PARIS, Ed. 1980.
 COUTO, Hildo Honorio de - "A Situação da língua portuguesa na Guiné Bissau", in Revista Internacional de Língua Portuguesa, Dezembro, 1991 5/6.
 GREENBERG, J.H.- Studies in African linguistic classification -Compass Press, New Haven, 1955.
 GREENBERG, J.H.- Langues et Histoire en Afrique - Présence Africaine 45, pp. 33 - 45, Paris, 1963.
 GREENBERG, J.H.- Classificação de las lenguas de Africa - HGA, pp. 315-332., 1982.
 GUTHRIE, M.- Comparative bantu: an introduction to the comparative linguistics

- of the bantu languages, 4 vol.- Gregg International Publishers, farnborough, Hants, 1967-1971.
- HURRAY, J. - Cultural Atlas of Africa - Oxford: Phaidom Press LTD, 1981
- INSTITUTO DE LINGUAS NACIONAIS, Esboço fonológico - Alfabeto: Kikongo, Kimbundu, Cokwe, Umbundu, Mbunda, Oxikwanyama - Departamento de Investigação Científica, Luanda, 1985.
- KUKANDA, Vatomene - Notas de Introdução à Linguística bantu -C.D.I./Lubango, 1986.
- MARTIN, P.M.P - Historical Dictionary of Angola - Metuchen, N.J., London: The Searecrow-Press Inc, 1980
- OBENGA, T.(sous la direction) - Les Peuples Bantu: Migrations, Expansion et Identité Culturelle - Actes du Colloque International, Libreville 1-6 avril 1985 - LHarmattan, Paris, 1989.
- OBENGA, T. et SOUINDOULA, S. - Racines Bantu / Bantu Roots - CICIBA, Sepia, Paris, 1991.
- PALANGUE, Luís. - Angola, um país fabuloso - 2^e Edição, L.P.E. International, Luanda, setembro 1998.
- PERROT, J (sous la direction) - Les langues dans le monde ancien et moderne. Première Partie: Les Langues de l'Afrique subsaharienne -Editions du CMRS., Paris, 1981.
- REDINHA, J. - Etnias e Culturas de Angola - Instituto de Investigação Científica de Angola, Luanda, 1975.
- THOMAS, J.M.C - Linguistique, Ethnologie, Ethnolinguistique: la pratique de l'Anthropologie aujourd'hui: Actes du Colloque International du CNRS organisé par l'Association Française des Anthropologues: Sevres, 19-21-Nov. 1981 - SELAF Paris, 1985.
- MURRAY, J - Atlas des Civilisations Africaines - Paris, Fernand Nathan, 1983.

